

# *Universidade e sociedade: o papel do professor na (re)construção do conhecimento*

## **University and society: the teacher's role in knowledge (re)construction**

**Gustavo Marques Porto Cardoso** <sup>1</sup>

<sup>1</sup>Licenciado em Educação Física (UESB), Especialista em Obesidade e Emagrecimento (UVA), Biologia Celular (UEFS) e Metodologia do Ensino Superior (FACINTER), Mestrando em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (UFBA), gugampc@hotmail.com

**Wilton Nascimento Figueredo** <sup>2</sup>

<sup>2</sup>Bacharel em Enfermagem (Faculdade São Camilo), Especialista em Metodologia do Ensino Superior (Facinter), Mestrando Especial em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (UFBA), willfigueredo@gmail.com.

### **RESUMO**

O artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre a formação didática e o papel do docente universitário para a sociedade. Pretende-se discutir a metodologia esperada diante de uma universidade que se moderniza e anseia pela evolução intelectual. A partir da descrição da formação tradicional implantada ainda no Brasil Império, ainda que de forma resumida, este trabalho confrontará com o papel do docente no século XXI, que prioriza a interdisciplinaridade e a integração escola-sociedade.

**Palavras-chave:** Docência no Ensino Superior. Universidade e sociedade. Formação de professores.

### **ABSTRACT**

The article presents a bibliographic review on the didactic formation and the university teacher's role for society. The goal is to discuss the expected methodology before a university that modernizes itself and aims at intellectual evolution. From a brief description of the implemented traditional formation in the Brazilian empire period, this paper will confront with the teacher's role in the 21<sup>st</sup> century which seeks interdisciplinarity and the school-society integration.

**Key words:** Teaching in higher education. University and society. Teacher education.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo contempla conceitos relevantes da metodologia utilizada pelos professores no ensino superior. Trata-se, portanto, de um estudo que aborda a formação dos professores que trabalham em Universidades e Faculdades, formando e habilitando futuros profissionais das mais diversas áreas.

Com este estudo, tem-se por objetivos: sensibilizar os professores para a importância de desenvolver metodologias educacionais coerentes com o atual modelo de ensino existente no Brasil; promover o debate das questões educacionais vigentes e necessárias para um bom desempenho da função docente; contribuir para o desenvolvimento das competências docentes e incentivar o interesse pela práxis pedagógica no ensino superior.

Este estudo se justifica como uma busca de expor as reais necessidades metodológicas a serem incorporadas pelo docente, discutindo se há ou não desinteresse do profissional em aprimorar seus conhecimentos didáticos para atuar em sala de aula diante da sociedade do saber.

A motivação em estudar sobre o assunto é por acreditar que há deficiências nas escolhas dos docentes no ensino superior. Nem sempre os profissionais possuem qualificação ou são qualificados para atuar didaticamente em sala de aula, possuindo apenas qualificação técnica. Além disso, cita-se ainda a experiência como aluno na graduação e em conversas informais com colegas e outros profissionais já formados que corroboram com a justificativa de que alguns professores não possuem didática coerente com sala de aula.

A metodologia adotada foi o estudo bibliográfico de caráter exploratório. Para Gil (2007), a revisão de literatura é desenvolvida com suporte de materiais já elaborados em livros, revistas, publicações avulsas e impressão escrita e possui o objetivo de colocar o pesquisador em contato com o que já foi desenvolvido sobre o

assunto em questão, permitindo aprimorar o conhecimento e elaborar novas perspectivas acerca do tema proposto.

A investigação em artigos de pesquisas para elaboração deste estudo foi realizada em banco de dados de acesso livre, publicados em português. A identificação dos artigos partiu dos seguintes descritores: docência no ensino superior; o papel do professor universitário; universidade e sociedade; ensino superior e metodologia didática dos docentes universitários.

### **Docência no Ensino Superior: Formação Tradicional**

Professores, principalmente aqueles mais tradicionais que são avessos a mudanças, apostam em aulas técnicas, exclusivamente expositivas e com nenhuma participação dos alunos. É o que Paulo Freire chamou de “educação bancária”, pois o professor está ali para transmitir conhecimentos, sem que haja participação efetiva do estudante. Esses, por sua vez, recebem o conhecimento, mas não questionam, absorvem, mas não dialogam, nem os colocam em prática.

Para compreendermos os vestígios dessa “educação bancária” é preciso que voltemos ao início da educação superior no Brasil com a vinda da família real portuguesa em 1808.

Respaldamos-nos em Dantas (2004), que categoriza o ensino no Império como voltado ao poder, burocrata e estruturado por “cadeiras isoladas – cátedras”, direcionado basicamente aos componentes dos cursos atuais como Medicina, Engenharia e Direito.

Nesse mesmo cenário, os professores assumem o poder, direcionando o saber às necessidades do Estado. Os professores eram controlados pela administração do governo, portanto as finalidades eram de preencher as

expectativas dos burocratas, sendo esperado de cada professor, segundo CUNHA<sup>1</sup>, 1986 apud DANTAS, 2004, ser:

[ ... ] agentes típicos da burocracia estatal periférica imperial que tinham a parte não determinada de seu trabalho inspecionada a partir do sistema e métodos de ensino, dos livros e compêndios seguidos nas aulas e do emprego de maior vigilância, a fim de evitar que se introduzissem práticas abusivas na disciplina escolar e no regime da faculdade, tendo o maior escrúpulo na manutenção dos bons costumes (CUNHA, 1986 apud DANTAS, 2004, p.13).

O professor possuía o papel de transmissor do conhecimento e o aluno era apenas um agente passivo, que recebia o conhecimento por meio de monólogos.

Nota-se que a formação profissional nessa época (ainda encontramos grandes resquícios, hoje!) privilegiava poucos, formando uma elite que posteriormente se beneficiaria de todas as consequências de uma educação intelectual e direcionada aos caprichos dos senhores.

Costa (2008, p.44) ressalta que o modelo tradicional do império vigorou por muito tempo, exigindo do professor apenas a prática de transmissor de um conhecimento fragmentado e nada integrado. O mesmo autor acrescenta:

Até pouco tempo, mais precisamente até 1970, a educação superior tinha um modelo tradicional e, mesmo após cento e sessenta e dois anos de fundação das universidades brasileiras, não mudou quase nada exigindo do professor somente bacharelado e experiência na área específica que eles pretendiam lecionar (COSTA, 2008.)

Infelizmente, diante de uma colonização de exploração, nossa educação superior foi deixada em segundo plano, a fim de que o intelectual não questionasse as demandas da Coroa. Com isso foi se estruturando e entrando em cena a

---

<sup>1</sup> CUNHA.L. A. A universidade temporã. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

formação tradicional, alienante e não integrativa. Essa formação tinha apenas o objetivo de atender à tecnicidade e resolver absolutamente os problemas da realidade e sua nobreza.

Os professores eram protagonistas de instrução da ciência, participando aos seus alunos as matérias isoladas de suas cátedras. Além disso, a educação não era para todos e a docência era limitada a poucos. O professor possuía como atribuição:

... o controle e a regulação do exercício da docência que deve assumir a missão catalisadora de formar a elite letrada masculina que dirigirá político econômico e administrativamente o estado brasileiro em organização, é assim que no império o poder central assume o compromisso com a educação superior, permanecendo a educação para a elite e formando os profissionais liberais, onde os “lentes catedráticos” integrados ao aparelho estatal, contribuíram para efetivar todo esse projeto. (DANTAS, 2004, p.13)

Nessa breve contextualização histórica, foi possível perceber uma educação elitista pautada no conhecimento fragmentado, teórico e mecânico.

### **Compromisso da Universidade com a Sociedade**

Estudos revelam que a primeira universidade data ao final do século XI no mundo ocidental, com o surgimento na Europa, propriamente em Bolonha, Itália. Assim, muitas universidades foram surgindo e consolidando-se no resto do mundo, influenciadas por vários modelos modernos de universidade como o alemão, o inglês e o norte-americano (ARAÚJO, 2011)

Esses modelos de universidades consolidaram-se e, conseqüentemente, a história, cultura e modo de cada comunidade foi se apropriando e formando as concepções de universidade que possuímos hoje.

Em suma, a locução *concepção de universidade* implica no entendimento de que é uma ação de abranger, de tomar juntamente, de reunir questões

relativas à sua interlocução com a sociedade, de um modo superior em termos de escolarização, de responder à suas demandas e, por conseguinte, de organizar-se ou reorganizar-se em vista das respostas ao dinâmico e contraditório movimento da história humana. Em sua configuração moderna, desde os finais do século XVII, a universidade tem abrangido o ensino e a pesquisa como baluartes a estruturarem a interlocução com a sociedade (ARAÚJO, 2011, p.24)

A universidade não pode ser entendida como algo separado, isolado, mas, sim, integrado à sociedade. O saber produzido nesse lugar deve ser “vinculado ao mundo da práxis”, por isso a universidade, centralizada no papel do docente, possui como objetivo a necessidade de formar uma sociedade que seja caracterizada como pensante e articulada com as necessidades dos indivíduos. (ARAÚJO, 2011).

O ensino superior tem, assim, a essência de ser o lugar de questionamento, de críticas, de desconstrução do construído. É nas universidades que o conhecimento deve ser integrado e colocado em contato com o mundo atual, de forma que haja interdisciplinaridade e confronto com o pós-moderno.

O ensino superior diferencia-se do ensino básico por sua prioridade no desenvolvimento da pesquisa, do pensamento reflexivo, questionador e da capacidade de formar um cidadão mais habilidoso nas suas ações e na interação entre trabalho e sociedade.

As mudanças que aconteceram, e ainda acontecem, no mundo contemporâneo nas diversas áreas, inclusive na educação, exigem uma reestruturação na formação dos docentes universitários.

Os avanços tecnológicos, o modelo econômico vigente, a política e a própria sociedade exigem das escolas formadoras (universidades) mudanças na sua forma de construir o conhecimento. Por isso, é imprescindível que haja comunicação com o protagonista da mediação do aprendizado: o professor. Torna-se necessário pensar numa nova maneira de ensinar e aprender. É preciso que haja ousadia, que se inovem as práticas de ensino de sala de aula, que se divida com os

alunos o momento real da comunidade e que se transforme esse momento em conhecimento a serviço da produtividade.

O governo do ex-presidente da república, Luis Inácio Lula da Silva (2003-2010), pode ser caracterizado como aquele que priorizou a educação superior, criando programas e reestruturando as universidades brasileiras.

A inserção no país de escolas superiores não acompanhou a formação dos professores e sua tríade universitária: ensino-pesquisa-extensão. O ensino atual no Brasil é ainda voltado para a profissionalização e não estimula a habilitação de um profissional completo na sua formação humana, profissional e ética. Limita-se apenas ao repasse de informações fragmentadas e inteiramente ligado ao profissionalismo burocrático da habilitação da profissão (SEVERINO, 2012).

O terceiro pilar do ensino superior – a extensão – precisa ainda ser bem sistematizado, estruturado e colocado em ação.

A extensão se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade, uma vez que tais processos só se legitimam, inclusive adquirindo sua chancela ética, se expressarem envolvimento com os interesses objetivos da população como um todo. [...] por isso, a prática da extensão deve funcionar como cordão umbilical entre Sociedade e Universidade, impedindo que a pesquisa prevaleça sobre as outras funções, como função isolada e altaneira na sua proeminência (SEVERINO, 2012, pp. 31-33).

Deste modo, a extensão possui grande significado para a realidade social. É para esse objetivo que o professor, enquanto mediador, precisa despertar e fazer seus alunos aprenderem que não há ensino sem extensão, por isso a necessidade imediata de fazer analogias e pôr em prática o que foi discutido com o que será vivenciado. Logo, se o professor é aquele mero transmissor do conhecimento teorizado, não conseguirá despertar em seus alunos esse desejo de ir à comunidade, muito menos fazer uma ponte entre a universidade e sociedade.

A pesquisa é o segundo pilar da universidade, considerada como:

[...] o elemento que, por sua excelência, forma a universidade a uma mudança espacial e que, com isso, faz repensar a sua responsabilidade presente. Ou ao menos a que melhor caracteriza essa condição, que melhor a evidencia. Em especial, a pesquisa tem assumida a forma complexa, ao menos tempo uma “transação” e uma “transição” universitária: ela transita pela universidade, ela é trans-acionada (e muitas vezes, infelizmente, apenas transacionada mesmo, mercadejada como moeda de troca possível da instituição universitária) (ARAÚJO, 2011, p. 243).

A universidade deve ser concebida como um lugar de investigação, pelo funcionamento de pesquisas, pela formação do intelectual em parceria com a práxis educacional da produção do conhecimento.

Os docentes são os responsáveis diretos em estimular e criar oportunidades, a fim de que a produção do conhecimento no ensino superior seja mais autêntica, inovadora e renovadora das práticas existentes de ensino. Costa corrobora que:

[...] os estabelecimentos de ensino superior, em conjunto com seus docentes, precisam abandonar a postura tradicional, aulista e expositiva de repassar ideias, buscar renovar as metodologias, que estão ultrapassadas e, por fim, apropriar-se da perspectiva educacional moderna, associada com a realidade atual, da sociedade e do conhecimento (COSTA, 2008, P.45).

Uma das principais funções, se não a mais importante, do ensino superior é a de integrar universidade e sociedade. De que adianta a produção do conhecimento na universidade, se nesse conhecimento não é investido, e ele não é divulgado e posto em prática na sociedade?

Pensar em uma formação humana, libertadora e holística do educando é promover a conscientização e a formação adequada, de acordo com que a sociedade espera. Isso propriamente remete a forma de ministrar aulas e sua metodologia em abordar cada assunto. Espera-se do professor tenha zelo pela sua profissão, pelos seus alunos e pelas relações que são construídas em sala de aula

Revista Intersaberes | vol. 8, n. 15, p. 36-49| jan. – jun. 2013| ISSN 1809- 7286



colocando em seus questionamentos a ética e o compromisso em ser coadjuvante da formação humana e profissional dos estudantes.

A educação superior entregue à universidade deixou de atentar para o mundo da cultura, pois o ensino universitário ignora as experiências cotidianas, esse descuido provocado pela presunção dos filisteus da cultura impede o estudante de perceber que o saber superior está entrelaçado com a cultura do povo, ela constitui o solo de todas as experiências – estéticas, científicas, espirituais, políticas –, dali brota incessantemente o gênio, ou o espírito popular (ARAÚJO, 2011, p. 198).

Para que os acadêmicos correspondam às expectativas do mundo da cultura, o ensino superior deve ser diversificado, pautado pela autonomia dos protagonistas sendo encarado na perspectiva de conferir à sociedade legitimidade e diversificação das áreas na universidade.

A educação é um processo de aperfeiçoamento do homem e se dá na relação com a realidade. O professor como mediador do aprendizado, deve encorajar em seus alunos a necessidade da busca dessa perfeição, incentivando o indivíduo a superar os seus limites, pautando-se na tríade do ensino superior: ensino, pesquisa e extensão.

Por isso, faz-se necessário que haja investimento na capacitação dos professores e esses, conseqüentemente, invistam em seus alunos, no intuito de que a produção do conhecimento seja respaldada na ética e nos valores de uma sociedade, que suspira pela evolução intelectual.

### **Perfil do Docente na Contemporaneidade**

Qual o estudante que nunca questionou, mesmo que indiretamente, a didática (metodologia) do professor? Quantos já não foram àquela aula apenas para não serem reprovado por faltas?

A falta de interesse do aluno por certa disciplina pode ser atribuída à metodologia de ensino escolhida pelo professor.

Em uma universidade que se moderniza, é preciso que haja aperfeiçoamento e programa de formação para os docentes, a fim de que se atendam aos interesses dos alunos e da sociedade. Os próprios alunos comentam sobre os profissionais: muitos possuem conhecimento sobre a área em que lecionam, porém deixam a desejar quanto à aplicação de aulas interativas, dinâmicas e participativas. É o que podemos perceber no primeiro eixo, de quatro, do perfil do docente universitário, segundo os estudos de Masetto<sup>2</sup> apud Costa:

O primeiro eixo (*grifo nosso*) refere-se à preparação pedagógica, seus requisitos legais, pessoais e técnicos e enfatiza a carência dos professores quando se fala em profissionalismo na docência, ou seja, a falta de domínio na área pedagógica e a falta de compreensão sobre o processo de ensino-aprendizagem (MASETTO, 2008 apud COSTA, 2008, pp. 45-51).

O professor é o responsável em participar da elaboração do currículo universitário, com isso, a dinâmica de fazer o currículo deve envolver as diferentes áreas e não apenas o professor possuidor da “cadeira” da disciplina. É um processo que deve envolver inúmeros atores, entre uma equipe interdisciplinar e a comunidade escolar como um todo. O currículo deve ser levantado como fator primordial para encarar essas novas mudanças no ensino superior brasileiro. A questão não é aumentar a carga horária das disciplinas, mas, sim, ampliar, questionar e mesclar a teoria com a prática educacional, respaldadas na interdisciplinaridade e na prioridade de um ensino que contemple a arte, a dinâmica e criatividade.

A construção do currículo torna-se, assim, um dispositivo que auxilia na formação do professor e por isso os mesmos atores mencionados refletem que:

---

<sup>2</sup> MASETTO, Marcos Tarciso (Org.) **Docência na universidade**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

[...] o segundo eixo (*grifo nosso*) tem o professor como conceptor e gestor do currículo e, neste aspecto, exige do professor a consciência de que ele deve se libertar da postura aulista de ministrar aulas e reconhecer que o conhecimento a ser aplicado na sala de aula é de sua responsabilidade (MASETO, 2008 apud COSTA, 2008, p.45-51)

A docência universitária deve ser incorporada como aquela em que o professor esteja disposto a perceber, compreender, criticar e acompanhar as alterações que são produzidas no decorrer do tempo (PAGNEZ, 2007).

Atualmente, é mais que necessário que o professor seja um mediador, facilitando a aprendizagem ao aluno, por isso essa relação, professor-aluno, deve ser enriquecida por meio do diálogo e da participação para que se produza uma educação nos moldes de uma universidade nova.

Continuando na perspectiva dos eixos do perfil do docente apresentados nos estudos de Masetto apud Costa, tem-se:

...o terceiro eixo (*grifo nosso*) enfatiza-se a relação professor-aluno e aluno-aluno no processo de aprendizagem, partindo do pressuposto de que é a presença do professor mediador de atividades que permite ao aluno aprender e com todos da classe, de modo que as relações interpessoais sejam apreciadas [...] o quarto eixo (*grifo nosso*) compreende o domínio da tecnologia educacional, com a sua importância motivada pela necessidade do docente ser dinâmico e competente no processo de ensino-aprendizagem (MASETTO, 2008 apud COSTA, 2008, pp. 45-51).

A dinamicidade e a criatividade devem ser embasadas em técnicas que excluam das aulas dos docentes apenas a utilização de recursos arcaicos e ultrapassados. O vasto aparato tecnológico que possuímos hoje proporciona e contempla diversificadas formas de preparar aulas. A utilização de grupos de pesquisa e de atividades que ofereçam a discussão de troca de conhecimento deve ser valorizada.

As atividades dos cursos de formação de professores devem ser revistas, permitindo aos alunos e professores uma constante reflexão sobre suas práticas, de forma a gerarem ações de intervenção e participação nesse mundo de relações, voltando a novas reflexões em um constante ação-reflexão-ação que seja a práxis de todos... esse exercício pode ser

mediado pela tecnologia, que pode dispor de recursos de armazenamento e recuperação de ideias, informações e conhecimentos para processá-los e gerar novas ideias, novas informações e novos conhecimentos. (ROCHA, 2009, p.93-94)

Podemos compreender, portanto, que a preparação pedagógica / tecnológica do professor torna-se um desafio, visto que alguns deles *caem de paraquedas* na docência e não se sentem instigados em procurar um aperfeiçoamento didático, como aborda o estudo de Rauli e Tescarolo (2009), no qual a maioria dos entrevistados relata que o ingresso na carreira docente aconteceu a partir de “oportunidades surgidas por acaso”. Isso pode acarretar a reprodução do que vivenciou enquanto aluno. Logo, se teve uma formação acadêmica centralizada, teorizada, há grandes chances de continuar nessa mesma linha de pensamento e ação. A oportunidade ao acaso também abre precedentes para se questionar a vocação para a profissão: será que os professores realmente possuem atributos, qualificações de ser um docente universitário?

A troca de informações e do conhecimento produzida entre professores e alunos, de uma forma dialógica e contínua, mediada pelas tecnologias, deve direcionar a todos à descoberta de caminhos para uma educação de qualidade.

Fica evidente que a valorização de uma formação pedagógica que considere a necessidade do mundo contemporâneo deve ser cada vez mais discutida e integrada nos currículos de formação docente.

## **Considerações finais**

A partir das considerações feitas neste estudo, pode-se inferir que é preciso que se desenvolva um processo de ação-reflexão das atividades docentes na sociedade contemporânea do conhecimento.

A prática inovadora de aprendizagem é uma construção contínua da formação do profissional docente que deve ser direcionada à prática reflexiva das ações educacionais.

Pensar em universidade é, ao mesmo tempo, direcionar o olhar à sociedade, pois a educação deve estar em função do interesse público. O ensino superior possui esse objetivo maior que é o de fazer a ponte entre o que é produzido na academia e o que é adquirido, absorvido na comunidade.

Nesse estudo, pôde-se perceber que ainda há muita preocupação com o ensino e a pesquisa, porém a extensão (aquilo que é direcionado à comunidade) ainda é muito inferior aos outros pilares da universidade. Por isso, faz-se necessária a continuidade de projetos e estudos que abordem e esclareçam para as entidades governamentais, diretores e reitores que é preciso investimento em ações que favoreçam a dissipação do conhecimento de forma integrativa e interdisciplinar.

A formação do docente universitário deve ser encorajada e encarada como função primordial dos centros acadêmicos, pois nada valerão reformas universitárias e curriculares, se não houver um trabalho e proximidade com o mediador do aprendizado: o professor.

Portanto, o ser professor, na contemporaneidade, não se resume apenas a vontade, mas, sim, a uma missão que se torna cada vez mais desafiadora na busca de um ensino de qualidade, eficiente e que priorize as necessidades de uma sociedade pluralista e heterogênea, com o objetivo de promover profissionais conscientes, capacitados e habilitados para o exercício de sua função.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. S. **A Universidade Iluminista. 1929-2009. De Alfred Whitehead a Bologna. Volume II.** Brasília: LiberLivro, 2011.

COSTA, J. da S. **Docência no ensino superior: professor aulista ou professor pesquisador?** *Caderno Discente do Instituto Superior de Educação*. Aparecida de Goiânia. Ano 2, n.2, 2008. Disponível em: <<http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20DOC%C3%80NCIA%20NO%20ENSI%20NO%20SUPERIOR%20%20PROFESSOR%20AULISTA%20PESQUISADOR.pdf>>. Acesso em 28 de fev.2013.

CUNHA, L. A. *A universidade temporã.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

DANTAS, E. E. V. **O exercício da docência na educação superior: nas tramas históricas da colônia ao império.** Pará, 2004. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT25.PDF>>. Acesso em 22 de fev.2013

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MASETTO, Marcos Tarciso (Org.) **Docência na universidade.** 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

PAGNEZ, K. S. M. M. **O ser professor do ensino superior na área de saúde.** 2007. 180 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

RAULI, P. M. F.; TESCAROLO, R. **Formação de professores na área de saúde: perspectivas de investigação a partir de abordagens qualitativas.** IX Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009. PUCR. Paraná, 2209.

ROCHA, C. A. **Mediações tecnológicas na educação superior.** Curitiba: Ibpx, 2009.

SEVERINO, J. A. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2012.